
A PRODUÇÃO ORAL E ESCRITA NA ESCOLA BÁSICA: UMA EXPERIÊNCIA DE CRIAÇÃO E CIRCULAÇÃO DE UMA REVISTA PARA ADOLESCENTES

Gisele de Oliveira Barbosa *

Resumo: O presente trabalho relata uma experiência de elaboração de uma revista nas aulas de Língua Portuguesa (LP) em turmas dos anos finais do Ensino Fundamental. Realizada em duas escolas públicas das redes Estadual e Municipal, a proposta teve o objetivo de tornar as aulas de LP mais dinâmicas, trazendo para o ambiente escolar situações concretas de produção e circulação de textos, associadas a contextos discursivos. Incorporando inovações relacionadas a uma concepção discursiva de linguagem, o projeto foi pautado na perspectiva do Interacionismo Sociodiscursivo (Bronckart 2010 [2006]), na Teoria dos Gêneros Textuais (Dolz e Schneuwly, 2011) e em Projetos de letramento (Kleiman, 2007). Como resultados, pudemos observar a ampliação das capacidades de linguagem dos alunos, ampliação de seus letramentos, bem como a produção de material didático na escola a partir de conhecimentos adquiridos antes, durante e depois da passagem da autora por experiências de formação continuada como o Profletras e o PIBID.

Palavras-chave: Ensino de Língua. Gêneros textuais. Capacidades de linguagem. Formação continuada. Profletras.

Introdução

Este trabalho apresenta uma proposta inovadora no ensino de Língua Portuguesa que cria e faz circular uma Revista na escola básica. Tal proposta teve como objetivo organizar as aulas de LP em torno de gêneros textuais conhecidos e desconhecidos pelos alunos, com o intuito de fazer seus textos circularem, apresentando aos discentes uma proposta voltada para situações concretas de uso da língua.

As práticas de LP na escola têm se modificado em função das diversas transformações ocorridas no ensino, seja a partir de estudos e pesquisas na área, seja pela diversidade de alunos que passaram a frequentar as escolas nas três últimas décadas.

A partir da publicação dos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN), uma concepção discursiva de linguagem é sugerida a ser aplicada no ciclo básico, modificando drasticamente o processo de

* Doutoranda em Educação pela Faculdade de Educação da UFJF. Mestra em Letras pelo PROFLeTRAS/UFJF. Professora de Língua Portuguesa na rede municipal de Juiz de Fora/MG; giseleoliveirab@yahoo.com.br



ensino-aprendizagem em LP: essa visão apresenta uma língua dinâmica, que se dá na interação e nos diversos contextos de uso, que se estruturam e organizam por meio da linguagem, através dos diversos gêneros textuais.

Assim, o ensino de LP na escola deve considerar que a comunicação não acontece em situações artificiais ou deslocadas dos domínios discursivos. Para que os alunos possam perceber essa visão, é necessário que os professores sejam capazes de transpor os gêneros textuais para a sala de aula, propondo situações concretas de leitura, produção e circulação desses textos. Dessa forma, o objetivo das aulas de Língua Portuguesa passa a ser desenvolver nos alunos capacidades de linguagem para que estes sejam capazes de interagir nos diversos contextos sociais, contribuindo para a construção de sua cidadania. Para Bronckart (1999, 103), apropriar-se dos gêneros é um “mecanismo fundamental de socialização, de inserção prática nas atividades comunicativas humanas”.

Nesse contexto, os gêneros textuais, entendidos como ferramenta essencial às práticas discursivas – pois, segundo Bronckart (2010, [2006]), todo texto pertence a um determinado gênero, oral ou escrito, caracterizando-se como uma ação de linguagem, em um contexto social – assumem papel central na escola, já que estão presentes no dia-a-dia de todas as pessoas, são eles que organizam e estruturam as diversas interações sociais em que estamos inseridos. Deste modo, fica claro que não há mais na escola espaço para um ensino voltado para estudos e atividades descontextualizados que têm como foco a gramática normativa. Assim, o texto passa a ser a unidade de ensino das aulas de LP, em atividades de leitura, escrita, produção de texto, oralidade e análise linguística, sempre sob a concepção da linguagem como algo construído sócio-historicamente.

Dada essa nova concepção, é necessário que os professores de LP estejam aptos a não só compreendê-la, como também a assimilá-la em suas aulas. Nesse ponto, insere-se a questão da formação continuada de professores, a qual deve, ou deveria, capacitar os docentes para adequarem suas aulas e, assim, ajudar os educandos a desenvolver suas capacidades. Para isso, programas de formação continuada como o Profletras (Mestrado Profissional em Letras) despontam como um grande aliado dos professores na busca pela renovação dos conhecimentos e contribuição para a melhoria na qualidade de ensino. Trazendo uma formação voltada para as práticas de sala de aula, o programa investe no aprimoramento de professores que vivenciam o dia-a-dia da escola e seus desafios, mostrando novos caminhos e preenchendo possíveis lacunas deixadas pela formação inicial. Obviamente, o Profletras não resolve todos os conflitos enfrentados pelos professores diariamente em suas classes, mas, ao propor uma reflexão teórica apoiada na prática, interfere e modifica profundamente o fazer pedagógico dos professores que passam pelo programa.



Neste sentido e fruto dessa formação, o presente trabalho apresenta uma experiência de elaboração de sequências didáticas com o objetivo de produção de textos para a publicação de uma revista, em três versões, visando à circulação dos textos produzidos pelos alunos. Para sua concretização, foram reunidos conhecimentos e estudos adquiridos durante a participação da autora em programas de formação continuada como o PIBID e o Profletras e a parceria com projetos de Extensão da Faculdade de Educação da UFJF.

Outras investigações relacionadas à experiência descrita aqui podem ser encontradas em Cordeiro *et al* (2015), Barbosa *et al* (2017), Magalhães e Barbosa (2017) e Magalhães e Barbosa (2018), em que já descrevemos trabalhos mais específicos e uma das versões do projeto. Neste relato, trazemos uma análise mais macro das propostas, envolvendo as bases teóricas em que a abordagem se apoiou (tanto no Profletras, como em projetos de extensão e PIBID), os gêneros abordados nas revistas e os resultados alcançados no projeto como um todo em termos de a) inovações no ensino de Língua Portuguesa (oriundos tanto de programas como PIBID, como do Profletras) e b) indícios de desenvolvimento dos alunos participantes dos projetos.

Este relato de experiência apresenta, além desta introdução, uma seção que discute brevemente os pressupostos teóricos que nortearam o trabalho, os processos metodológicos, em que relatamos os procedimentos de concepção, elaboração e práticas das três edições da revista, inclusive os gêneros textuais trabalhados. Em seguida, analisamos os resultados obtidos e, por fim, apresentamos nossas considerações finais.

1 Pressupostos teóricos

Conforme mencionamos inicialmente, o ensino de Língua Portuguesa passou por uma grande transformação, rompendo com a tradição gramatical, com atividades descontextualizadas, cujos objetivos não refletiam as necessidades de aprendizagem dos alunos. Saem de cena, portanto, os exercícios de repetição baseados em regras gramaticais que não refletiam a realidade dos alunos nem os contextos sociais em que estavam inseridos. Tal prática pedagógica não interferia diretamente nas capacidades de leitura e escrita dos alunos, levando muitos deles ao fracasso escolar. Os PCN apontam algumas deficiências nesse formato de ensino como,



- a desconsideração da realidade e dos interesses dos alunos;
- a excessiva escolarização das atividades de leitura e de produção de texto;
- o uso do texto como expediente para ensinar valores morais e como pretexto para o tratamento de aspectos gramaticais;
- a excessiva valorização da gramática normativa e a insistência nas regras de exceção, com o conseqüente preconceito contra as formas de oralidade e as variedades não padrão;
- o ensino descontextualizado da metalinguagem, normalmente associado a exercícios mecânicos de identificação de fragmentos linguísticos em frases soltas;
- a apresentação de uma teoria gramatical inconsistente – uma espécie de gramática tradicional mitigada e facilitada. (BRASIL, 1998, p. 18)

É nesse contexto que se abre espaço para se colocar em prática os estudos relacionados à implementação de uma prática pedagógica que leva em consideração a linguagem como prática discursiva e interacional (Bronckart 2010 [2006]) e que busca desenvolver as capacidades de linguagem dos alunos, tornando-os aptos a agirem pela linguagem nos diversos contextos sociais.

Nesse sentido, conforme já dito, o gênero textual passa a ser o centro das aulas de Português, pois é ele quem propicia aos alunos perceberem a relação entre os diversos textos que circulam na sociedade e as atividades humanas. O gênero textual é, pois, entendido como um mecanismo de socialização, que, dialogicamente, estrutura e é estruturado pelas interações sociais.

Ora, se as vivências, as interações, o “agir” no mundo se dá por meio da linguagem, qual seria, então, o sentido de se estudar uma língua que existe apenas nos manuais? Assim, compreende-se que, ao trazer os gêneros materializados em textos para a sala de aula, os professores de LP poderão interferir diretamente nos modos de agir de seus alunos, tornando-os mais capazes de transitar pelos diversos contextos sociais. Para Schneuwly,

A situação de comunicação é vista como geradora quase automática do gênero, que não é descrito, nem ensinado, mas aprendido pela prática de linguagem escolar, por meio de parâmetros próprios à situação e das interações com os outros. (SCHNEUWLY, 2011, p. 67).

Desse modo, as práticas pedagógicas em LP passam a se estruturar de modo que cinco eixos de ensino sejam contemplados: a leitura, a escrita, a oralidade, a produção de textos e a análise linguística. Vale ressaltar aqui que a gramática não deixa de fazer parte das aulas, porém deixa de ser a protagonista, passando a ser um dos componentes necessários ao estudo da língua.

Para que possam considerar os gêneros textuais em suas aulas, os professores necessitam lançar mão de ferramentas capazes de fazer a transposição do mesmo de um contexto social para o contexto da sala de aula, a chamada de didatização do gênero, ou seja, transformar uma ação de



linguagem em objeto de ensino. Schneuwly e Dolz (2011) apresentam duas dessas ferramentas, a primeira sendo o Modelo Didático de Gênero (MDG), definido como um objeto descritivo e operacional que visa a elencar as características do gênero, evidenciando suas dimensões ensináveis e que, conseqüentemente, dá origem à segunda ferramenta, qual seja a Sequência Didática (SD), compreendida como um conjunto de atividades ordenadas em torno de um gênero com o objetivo de desenvolver as capacidades de linguagem dos alunos.

Cada uma dessas ferramentas servirá ao único propósito de levar os alunos a se apropriarem dos gêneros textuais e de suas diversas características, como o contexto de produção, o plano global do texto e as características linguístico-discursivas que o compõem.

Para a organização da revista, o caminho percorrido foi o de elencar gêneros do meio jornalístico, elaborar seus modelos didáticos, verificando quais dimensões seriam importantes para o desenvolvimento de nossos alunos e, após, construir sequências didáticas com atividades que contemplassem cada uma dessas dimensões. Os gêneros trabalhados e as atividades elaboradas serão explicitados a seguir.

2 Descrição da experiência

O projeto da revista “Na Ponta da Língua” foi desenvolvido ao longo de três anos não consecutivos, em duas escolas diferentes, uma da Rede Estadual e outra da Rede Municipal de Juiz de Fora (MG), com turmas de 6º/7º, 9º e 7º, respectivamente. Ambas as escolas se localizam na zona sul da cidade e atendem a comunidades de baixa renda. Os alunos, em sua maioria, estavam dentro da faixa etária esperada para as séries (12 a 14 anos) e, embora não apresentassem grandes dificuldades de aprendizagem, não tinham consolidadas práticas sistematizadas de leitura e escrita em suas trajetórias escolares, o que nos instigou ainda mais a lhes apresentar um estudo da linguagem como ação, mediação, escrita como processo, dialogismo, mobilização de conhecimentos prévios e de capacidades de linguagem, ampliando seus letramentos. É importante salientar que apenas o primeiro volume da revista teve financiamento (PIBID) e, por isso, foi o único volume a ser impresso. Os demais foram publicados em versões online, disponíveis na página da revista “Na Ponta da Língua” no Facebook (<https://www.facebook.com/culturanapontadalingua/>).

O trabalho teve como objetivo principal criar situações concretas de leitura, produção e circulação de textos nas aulas de Língua Portuguesa, trazendo para essas aulas uma dinâmica mais significativa, envolvendo o protagonismo dos alunos e contribuindo para sua autoestima. Assim, ao



idealizar o projeto, buscamos sempre abordar, inicialmente, gêneros textuais do cotidiano dos alunos, para, em seguida, ampliar os conhecimentos para gêneros menos conhecidos. Outro ponto importante foi a delimitação de um tema geral para cada edição da revista, sempre associado com áreas de interesse dos alunos, a saber: “Música”, “Ciência” e “Cultura”.

Em todas as três versões, o desenvolvimento do projeto seguiu a mesma linha⁷: escolha de um tema principal a partir dos gostos e interesses dos alunos, escolha de gêneros textuais do domínio jornalístico, elaboração de um modelo didático de cada gênero e desenvolvimento de sequências didáticas para estudo e produção dos textos. Ao longo do trabalho, surgiram outros gêneros, suscitados pelas situações comunicativas do cotidiano da escola, que não tiveram o objetivo de, necessariamente, circular por meio desta publicação. A seguir, elaboramos uma tabela para cada ano da revista, explicitando os gêneros trabalhados em cada versão.

No primeiro ano (2012/2013), foi desenvolvida a revista “Música na Ponta da Língua”, no âmbito do PIBID, com a participação de cinco bolsistas do curso de Letras da UFJF, em turmas de 6º e 7º ano. O tema foi escolhido por se tratar de um assunto que desperta o interesse de todos, além de permitir uma grande diversidade de possibilidades de trabalhos. Para essa versão da revista foram escolhidos os seguintes gêneros:

Hiperônimo: Revista	Gêneros publicados na revista	Resenha de filme
		Entrevista
		Artigo de opinião ⁸
		Texto expositivo (curiosidades) ⁹
		Verbete sobre instrumentos e tipos musicais
		Lista de filmes
	Gêneros integrados ao projeto que não circularam na revista (em atividades de leitura, escrita ou oralidade)	Exposição oral
		Minibiografia
		Texto de agradecimento
		Sinopse
		Convite para lançamento da revista

Tabela 1 – Gêneros integrados à revista “Música Na ponta da língua” Fonte: MAGALHÃES & BARBOSA, 2017

No segundo ano (2016), a edição “Ciência na Ponta da Língua” foi desenvolvida em uma turma de 9º ano, em parceria com um projeto de Extensão, também da UFJF, e contou com o apoio de duas

⁷ Em todas as versões, contamos com a coordenação da Professora Dra. Tânia Guedes Magalhães, da Faculdade de Educação da UFJF.

⁸ Embora tenhamos tentado alcançar a escrita de artigos de opinião com os alunos, os textos finais não foram especificamente do gênero artigo.

⁹ Embora saibamos que a categoria “texto expositivo” refere-se a uma tipologia textual, categorizamos assim essa produção porque esta apenas se aproximou do gênero “artigo de enciclopédia” (com conceitos e informações sobre música, compondo uma seção de curiosidades da revista).



bolsistas¹⁰. O tema escolhido se deu pelo fato de os alunos manifestarem interesse pelo assunto e no intuito de desmistificar alguns estereótipos que cercam as ciências, como as disciplinas que fazem ciência, o perfil de um cientista, entre outros. Nesse volume, foram trabalhados também diversos gêneros (Ver tabela 2).

Hipergênero: Revista	Gêneros publicados na revista	Discussão oral sobre quem faz ciência
		Entrevista
		Mural de pesquisa
		Pesquisa sobre receitas caseiras
		Relato de experiência (Visita ao Horto Florestal)
		Panfleto sobre a árvore Baobá
		Texto de divulgação científica
		Exposição sobre tecnologia e Linguagem
		Depoimentos
	Atividades secundárias que não geraram necessariamente uma produção textual	Visita à Feira de Ciências na praça
		Palestra com uma professora de Ciências Sociais
		Plantação de mudas de plantas na escola

Tabela 2 – Gêneros integrados à revista “*Ciência Na ponta da língua*”

Já no terceiro ano (2017), foi desenvolvida a “Cultura na Ponta da Língua”. A partir da leitura de um conto em duas turmas de 7º ano, foi levantada a questão das diferenças sociais entre bairros e as pessoas que vivem nele. Assim, o tema da revista surge a partir da visão que os alunos tinham de seu próprio bairro e de que maneira a cultura de um povo é definida. Nesse ano, continuamos a contar com a parceria das bolsistas do projeto de Extensão. Os gêneros trabalhados nessa edição estão explicitados na tabela a seguir.

Hipergênero: Revista	Gêneros publicados na revista	Entrevista
		Reportagem
		Artigo de opinião
		Linha do tempo
		Exposição de fotografias
		Foto legenda
	Gêneros/atividades integrados ao projeto que não circularam na revista (em atividades de leitura, escrita ou oralidade)	Talkshow
		Palestra sobre técnicas de fotografia
		Passeio de observação pelo bairro

Tabela 3 – Gêneros integrados à revista “*Cultura Na ponta da língua*”

Durante a execução do projeto, foi possível observar a intensa participação e o desenvolvimento dos alunos, verificados pelos diversos procedimentos avaliativos utilizados, como comparação das produções iniciais e finais, acompanhamento das atividades dia-a-dia, envolvimento

¹⁰ Bárbara Delgado e Maria Carolina Botelho.



dos alunos nos trabalhos, avaliações formais e compartilhamento de conhecimento entre os próprios alunos.

Os resultados obtidos foram extremamente satisfatórios, e pudemos perceber que, de fato, contribuímos com o desenvolvimento intelectual e linguístico de nossos alunos, como apresentaremos adiante.

3 Discussão dos resultados

Ao longo da realização do projeto e ao final de cada ano, pudemos observar uma série de ganhos na implementação de uma prática pedagógica centrada no estudo dos gêneros textuais. Destacamos duas neste artigo, conforme discutiremos aqui.

3. 1) Inovações no Ensino de LP:

A partir do trabalho com as revistas, foi possível apresentar para os educandos novos gêneros textuais, com os quais muitos deles jamais haviam tido contato, como a resenha, o artigo de opinião ou o texto de divulgação científica. Por meio do estudo e produção desses gêneros foi possível despertar nos jovens o interesse por aspectos antes impensados, por exemplo, a música como instrumento de cura (musicoterapia) e não apenas de entretenimento, as músicas de protesto e sua influência na história do país, o fazer científico e os estereótipos que cercam a ciência, ou ainda como uma simples mudança de foco pode modificar o olhar que se tem sobre o lugar onde se vive; além de todas as questões micro relacionadas ao estudo da linguagem propriamente dita, como conectores textuais, adjetivos, diferença entre fato e opinião, entre diversos outros aspectos.

Outro fator de extrema importância, tanto para a formação continuada quanto para a formação inicial, foi a possibilidade de estabelecer uma maior relação entre os currículos (Proposta Curricular da Prefeitura de Juiz de Fora, PCN, Currículo Básico Comum de Minas Gerais) e as práticas escolares, uma vez que esses documentos, por seu caráter prescritivo, não apresentam ao professor maneiras práticas de realizar o que é preconizado. Tal aproximação se deveu à possibilidade de ir-se modificando as prescrições na medida do trabalho de sala, refazendo os planejamentos, adaptando-os, retomando conhecimentos de acordo com as necessidades tanto dos alunos quanto da rotina escolar.

Mais um ganho, a nosso ver, foi a possibilidade de realizarmos produções mais aliadas aos princípios teórico-metodológicos recentes da Linguística Aplicada, como o ensino de gêneros orais



(entrevista, talkshow) e seus aspectos particulares aliados a práticas de retextualização, atividades de escuta, comportamento da plateia, nas quais os alunos tiveram que refletir sobre as diferentes modalidades da língua e suas características.

Somados a esses, identificamos que o projeto permitiu a elaboração de produtos para além de artigos científicos, mais relacionados às questões fundamentais da Linguística Aplicada: a produção de materiais didáticos NA ESCOLA e POR PROFESSORES na postura de pesquisadores, adotando uma perspectiva de pesquisa ação e colaborativa, uma vez que todos os materiais foram construídos coletivamente pelas participantes e tiveram o objetivo de interferir e modificar, para melhor, a prática docente.

3.2) Indícios de desenvolvimento dos alunos

Em relação aos alunos, foi possível observar uma série de evoluções, não só no que diz respeito às capacidades de linguagem, como também na participação deles nas atividades. Por se sentirem protagonistas de todo o processo e por visarem uma meta a ser atingida (a publicação da revista) a maioria dos alunos se envolveu e se dedicou às atividades. Obviamente que não houve adesão total, mas ficou claro o interesse de quase todos os alunos.

Outro ponto importante a se destacar foi a publicação das revistas com textos totalmente autorais e situados em projetos escolares. Nesse sentido, as atividades de produção assumiram um caráter muito mais relevante para os alunos, uma vez que tinham um objetivo e estavam inseridas em um contexto discursivo temático e relacionado aos alunos, seus gostos e seu cotidiano.

Com relação ao desenvolvimento dos alunos, observamos um desempenho bastante satisfatório em termos de produção de linguagem, uma vez que os alunos tiveram contato com gêneros totalmente desconhecidos deles, como a resenha e o artigo de opinião, por exemplo. É necessário destacar aqui situações protagonizadas pelos alunos como o caso de uma aluna do 6º ano que, após a leitura das resenhas em sala, escreveu por conta própria, em casa, uma resenha de um filme de sua escolha, levando-a para a professora corrigir. Ao ler o trabalho, verificamos que se tratava de um texto bastante adequado ao gênero, o que demonstrou que a aluna havia desenvolvido capacidades de linguagem, sentindo-se segura para escrever; ou a produção de textos de opinião por esses mesmos alunos do sexto ano, que, mesmo não atingindo o formato correto do gênero, se aproximaram bastante do esperado. Além disso, os alunos passaram a demonstrar mais interesse pela leitura e pela escrita, desfazendo preconceitos cultivados por eles antes, como “ler é chato” ou “escrever é difícil”.



Destacamos ainda o trabalho com os gêneros orais, que permitiu um comportamento linguístico bastante adequado dos alunos nas situações de produção desses gêneros (entrevista, talkshow), devido às atividades de escuta e reflexão realizadas durante o trabalho. Os alunos conseguiram manifestar uma atenção extremamente focada e desempenhar seus papéis – entrevistador, plateia, apresentador – de modo extremamente satisfatório, o que demonstrou a efetividade do ensino dos aspectos paralinguísticos e cinésicos dos gêneros orais na educação linguística.

Por fim, o trabalho de análise linguística se mostrou muito mais produtivo e menos árduo para os alunos, pois foi realizado de modo ARTICULADO ao estudo do discurso, trazendo maior sentido e compreensão para os alunos sobre o porquê de se estudar as classes gramaticais, as estruturas textuais, as escolhas lexicais, tempos verbais e outros aspectos.

Mais uma vez, deixamos claro que todo esse percurso não foi apenas de sucessos, mas também de alguns percalços e enfrentamento de obstáculos comuns ao dia-a-dia do professor. Sobre isso, teceremos alguns comentários em nossa última seção, a seguir.

4 Considerações finais

Neste trabalho buscamos apresentar uma experiência inovadora de ensino de língua Portuguesa pautada em uma concepção discursiva de linguagem. A partir dessa perspectiva, percebemos que quando as aulas são relacionadas com os contextos de uso da língua, levando em consideração as práticas sociais nas quais os alunos estão inseridos ou pelas quais podem passar, os educandos se envolvem muito mais com a proposta e conseguem visualizar o objetivo das atividades desenvolvidas. Além disso, quando existe uma proposta de circulação das produções de textos desses alunos, estes se mostram mais engajados e mais interessados em produzir.

Certamente, o dia-a-dia do professor é permeado de entraves e nem tudo o que é planejado acontece conforme se projetou, e, nesse trabalho, não fugimos a essa regra. Assim, tivemos que lidar com diversos problemas, como encontrar convidados que se dispusessem a ir à escola, busca de equipamentos, apoio tecnológico, além dos imprevistos impostos pelo cotidiano da escola, que, por várias vezes, nos obrigou a modificar o planejamento.

Finalmente, tendo em vista o impulso ofertado por programas de formação para a elaboração deste projeto, reforçamos a importância crucial da formação continuada, como oferece o Mestrado Profissional em Letras – o Profletras – na prática dos professores, pois reforça a necessidade



da constante de se estar alinhado com as pesquisas e estudos acadêmicos, aplicando-os na prática de sala de aula, contribuindo, assim, para a qualidade do ensino.

Oral and written production at the Basic School: an experience of creation and circulation of a magazine for adolescents

Abstract: This present work describes an experience of a production of a magazine in Portuguese classes with students in the Elementary School. Realized in a state school and a municipal school, the proposal has the aim of make the Portuguese classes more dynamic, bringing to the school setting concrete situations of textual production and circulation, associated to discursive contexts. Bringing innovations related to a discursive language conception, the project was guided for the perspective of the Socialdiscursive Interacionism (Bronckart 2006, 2010), in the Textual Genres Theory (Dolz e Schneuwly, 2004) and Literacy Projects (Kleiman, 2007). As results, we could observe the expansion of the students' language abilities, expansion of this literacies, the production of didactic material at the school, as of knowledge acquired before, during and after the author's passing through periodic training experiences, as Profletras and PIBID.

Keywords: Language Teaching. Textual Genres. Languages abilities. Periodic Training. Profletras

Referências

BRONCKART, J.P. *Atividades de linguagem, textos e discursos: por um interacionismo sociodiscursivo*. (trad. Anna Rachel Machado e Péricles Cunha). 2 ed. São Paulo: EDUC, 1999.

_____. *Atividade de linguagem, discurso e desenvolvimento humano*. Tradução de Anna Rachel Machado e Maria de Lourdes Meirelles Matêncio. Campinas/SP: Mercado das Letras, 2010

BARBOSA, G. O. ; MAGALHÃES, T. G.; CORDEIRO, A. A.; CRESPO, B. A. C.; FERREIRA, F. C.; KAESER, L. M. ; GOMES, M. C. R. . **Gêneros e ensino de língua portuguesa**: construção de revista no ensino fundamental. 1a. ed. Araraquara: Letraria, 2017. v. 1. 200p.

BRASIL. **Parâmetros Curriculares Nacionais: terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental: língua portuguesa**/ Secretaria de Educação Fundamental. – Brasília: MEC/SEF, 1998.

CORDEIRO, A. A.; CRESPO, B. A. C.; FERREIRA, F. C.; KAESER, L. M.; GOMES, M. C. R. Ensino de língua portuguesa: o projeto de letramento "*Música Na ponta da língua*". **Revista Ao pé da Letra**. Recife, UFPE, vol 17, n. 1, p. 59-76, 2015.

KLEIMAN, Angela B. **Letramento e suas implicações para o ensino de língua materna**. Signo. Santa Cruz do Sul, v. 32 n 53, p. 1-25, dez, 2007.

MAGALHÃES, T. G.; BARBOSA, G. O. **A elaboração de materiais didáticos como prática reflexiva na formação inicial e continuada de professores**. In: Alexandre Cadilhe; Andreia Garcia-Reis; Tânia Magalhães. (Org.). Formação docente: linguagens, práticas e perspectivas. 1ed. Campinas: Editora Pontes, 2018, v. 1, p. 181-210.

MAGALHÃES, T. G.; BARBOSA, G. O. . **O gênero entrevista: uma experiência de transposição didática no Ensino Fundamental**. In: Eliana Merlim Deganutti de Barros; Letícia Jovelino Storto. (Org.). Gêneros



do jornal e ensino: práticas de letramentos na contemporaneidade. 1 ed. Campinas: Pontes, 2017, v. 1, p. 95-118.

SCHNEUWLY, B; DOLZ J., *Gêneros orais e escritos na escola*; trad. Roxane Rojo, Gláís Sales Cordeiro. – Campinas: Mercado das Letras, 2011.

